

Pe. João da Silva Mendonça Filho, SDB

FORMAÇÃO DE EDUCADORES SALESIANOS

Caderno 1:
NO HUMANO ENCONTRAMOS O DIVINO



MENDONÇA FILHO, João da Silva
M539 Formação de educadores salesianos. Caderno 1: no humano encontramos o divino /
João da Silva Mendonça Filho. – Brasília: RSB, 2012.
72 p.

ISBN n° 978-85-7741-247-1

1. Orientação espiritual. 2. Congregações cristãs. 3. Teologia pastoral. 4. Prática
pastoral. I. Título.

CDD: 248
CDU: 266

Todos os direitos reservados à EDB

Endereço: SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B – Lojas 65 / 66 – Asa Sul • Brasília – DF – CEP 70350-525
Telefone: (0XX61) 3214-2300 • Fax: (0XX61) 3242-4797 • E-mail: atendimento@edbbrasil.org.br

Copyright © 2012: MENDONÇA FILHO, João da Silva

Coordenadores: Prof. Antonio Boeing e Prof^a. Sônia de Itoz

Editor: Prof. Gleuso Damasceno Duarte

Coordenador de Arte: Bruno de Castro

Coordenador Editorial: Hermínio José Casa

Coordenador de Produção: Marcelo Martins

Assistente Editorial: Ester Tertuliano Rizzo

Capa e Projeto Gráfico: Bruno de Castro / Lápís Lazúli

Consultoria: Moema Urquiza

Revisão: Alessandro Faleiro Marques, Seculus Editoração

Diagramação: Roberta Braga

Fotografias: Artcyclopedia, Kheel Center (Cornell University) e RSE-BI

**O Projeto dos Cadernos de Formação de Educadores Salesianos
foi elaborado pela Comissão de Pastoral da RSE**

Pe. Tiago Figueiró, SDB

Ir. Elizabeth Pastl Montarroyos, FMA

Ir. Teresa Cristina Pisani Domiciano, FMA (Ir. Teca)

Pe. Márcio Teodoro da Silva, SDB

Pe. Antonio Ramos Prado, SDB – CNBB (Pe. Toninho)

Prof. Antonio Boeing, RSE

Redator do texto

Pe. João da Silva Mendonça Filho, SDB

Coordenadores e revisores do projeto e texto

Prof. Antonio Boeing

Prof.^a Sônia de Itoz

Nos casos em que não foi possível contatar os detentores de direitos autorais sobre materiais utilizados como subsídio na produção deste livro, a Editora coloca-se à disposição para eventuais acertos, nos termos da lei 9.610 de 19-2-1998 e demais dispositivos legais pertinentes.

Os pedidos desta obra devem ser encaminhados ao endereço da RSB.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

APRESENTAÇÃO

Cresce a consciência dos educadores da RSE de que é preciso fazer um caminho que conduza a uma maior profundidade e maturidade da fé. A fé amadurecida resulta de um processo formativo que reflete sistematicamente sobre as crenças e práticas religiosas. Nesse processo, é indispensável deixar-se conduzir pelo Espírito que ilumina e impulsiona à participação da mesa da partilha e da comunhão entre irmãos, filhos do mesmo Pai.

O cristão é instigado a viver plenamente sua fé como quem descobriu a pérola preciosa do Reino. Para isso, é preciso instruir-se, conhecer e aprender a crer no Deus encarnado na história humana. Seguir os ensinamentos de Jesus exige escuta e resposta atenta à necessidade de aprofundamento e crescimento na fé. Fazer um itinerário é colocar-se na atitude de escutar a Jesus e deixar-se conduzir interiormente por Ele e, assim, caminhar para uma fé mais plena.

Considerando no processo educativo, a centralidade do projeto de Jesus, como também do carisma e missão vivenciados por Dom Bosco e Madre Mazzarello, a RSE oferece a toda comunidade educativa este caderno de formação. O intuito é motivar o encontro com Deus na oração, na partilha e na comunhão de vida. As reflexões e orações, com certeza, contribuirão para que o projeto de Deus se torne cada vez mais presente na comunidade e no encontro de irmãos.

São quatro encontros que auxiliarão os educadores da escola a entrarem em sintonia com os desígnios de Deus e impulsionar a fidelidade à missão educativa salesiana, centrada no **Sistema Preventivo**. É importante que se organizem grupos e encontrem espaços para refletir e celebrar a fé juntos. O encontro com o outro também favorecerá o encontro com Deus.

Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti
Diretor da RSE (SDB)

Ir. Ivanette Duncan de Miranda
Diretora da RSE (FMA)

“A escola que integra a RSE deve ser um espaço educativo para aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a crer:

- a) espaço educativo para aprender a aprender, resgatando a função primeira da escola que é formar a pessoa, preparando-a para discernir e enfrentar as mudanças de uma sociedade em constante transformação;*
- b) espaço educativo para aprender a fazer, onde se oferecem condições, proporcionais ao estágio de desenvolvimento do educando, para a aquisição de habilidades e competências práticas;*
- c) espaço educativo para aprender a ser, isto é, um ambiente favorável à construção e enriquecimento da identidade pessoal e coletiva;*
- d) espaço educativo para aprender a conviver, o que significa que, além de acolher o aluno e sua família numa comunidade diferenciada, o modo de trabalho deve permitir a vivência de situações especialmente planejadas para a formação de uma identidade ativa e solidária com o grupo social;*
- e) espaço educativo para aprender a crer, tanto em relação aos valores essenciais à convivência humana e à promoção da dignidade da pessoa quanto em relação aos valores transcendentais cristãos.”*

REDE SALESIANA DE ESCOLAS

Projeto Pedagógico: Marco Referencial
Brasília: CIB/CISBRASIL, 2005.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – NO HUMANO ENCONTRAMOS O DIVINO	11
PRIMEIRO ENCONTRO – HUMANISMO CRISTÃO	15
Fonte bíblica	17
Considerações teológicas e pastorais	19
Pistas para reflexão	22
Celebração	24
SEGUNDO ENCONTRO – REALIZAÇÃO DA PESSOA: SALVAÇÃO	29
Fonte bíblica	31
Considerações teológicas e pastorais	33
Pistas para reflexão	34
Celebração	37
TERCEIRO ENCONTRO – PROMOÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO	41
Fonte bíblica	43
Considerações teológicas e pastorais	44
Pistas para reflexão	47
Celebração	50
QUARTO ENCONTRO – CARISMA: DOM BOSCO E MARIA MAZZARELLO	55
Um sonho, um chamado, uma missão: João Bosco	57
A força, a fragilidade e uma grande missão: Maín	62
Pistas para reflexão	65
Celebração	68

INTRODUÇÃO

NO HUMANO ENCONTRAMOS O DIVINO





Michelangelo Buonarroti (1475-1564). *A Criação de Adão*. Vaticano: Teto da Capela Sistina (1508-1512)

Neste primeiro subsídio para formação de educadores (um itinerário de fé), vamos trilhar o caminho do ser humano como pessoa. Hoje, numa *época de mudança*¹, de tantas transformações profundas e rápidas, falar do ser humano tornou-se complexo demais porque os contextos são enormes. Diante disso, faremos uma opção metodológica para evitar digressões e mergulhar num poço sem fundo.

Procuraremos, em primeiro lugar, apresentar quatro aspectos desse humano, no qual o Divino se manifesta, pois a mediação para responder à pergunta por Deus passa necessariamente por Jesus, e Jesus foi uma pessoa concreta. Nele nos inspiramos como seres humanos em nossa busca de encontrar a Deus e estar com ele como salvador e amigo.

1. O primeiro elemento desse encontro é a **reflexão sobre o humanismo cristão**, no qual se revela o que entendemos por Jesus, o Cristo, e as narrativas sobre Ele.
2. Em segundo lugar, iremos ao núcleo da questão do **por que crer em Jesus Cristo**. Afinal, que implicações traz para a vida do ser humano o fato de Jesus ter existido e ser para nós Salvação? E salvação de quê?

¹ CELAM. *Documento de Aparecida, texto conclusivo da V Conferência-geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 44. Esse documento foi elaborado em 2007, na cidade de Aparecida, pelos bispos da América Latina e do Caribe. O Papa Bento XVI esteve na abertura da Conferência.

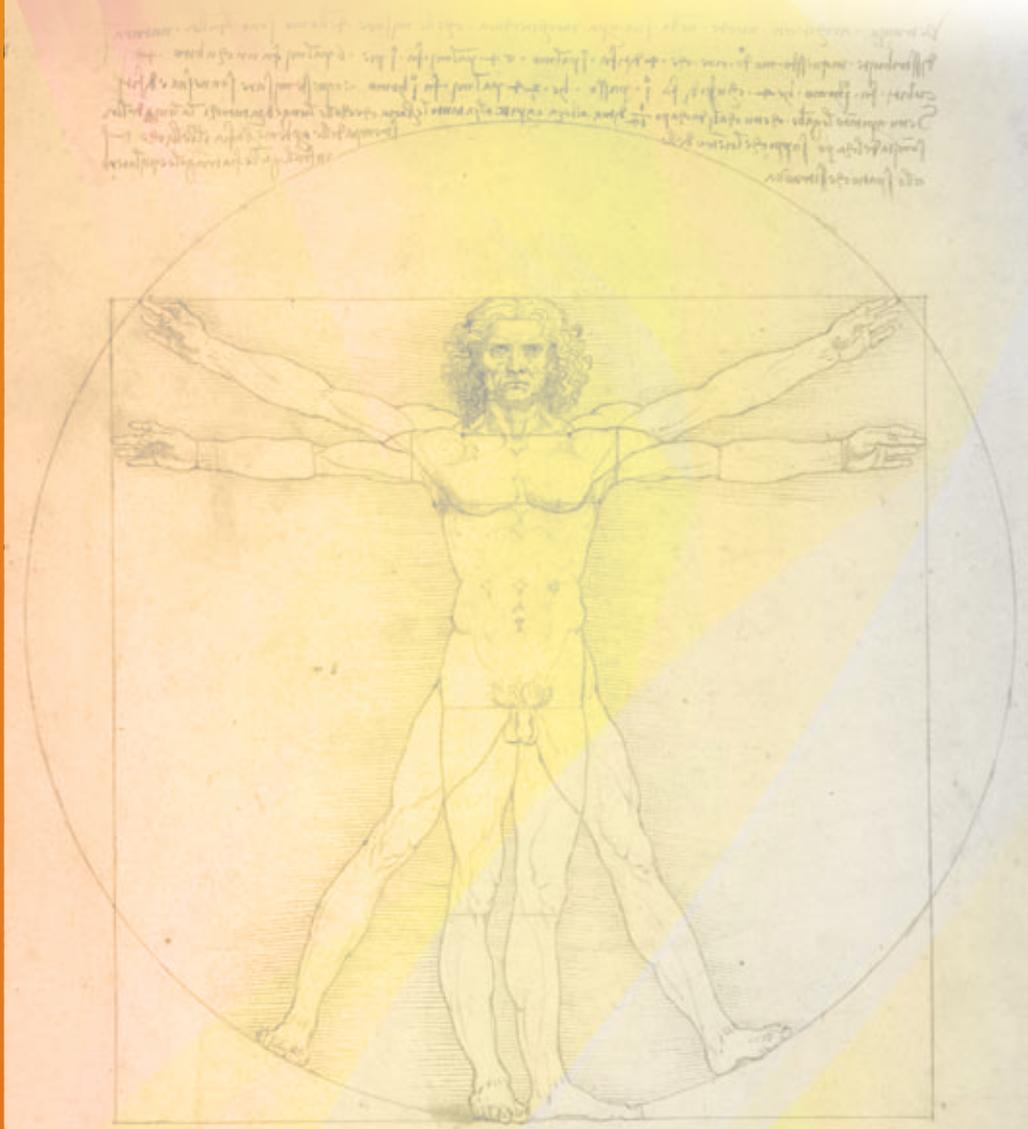
3. Num terceiro aspecto, apresentaremos os elementos de promoção integral do ser humano, porque não consideramos as pessoas desarticuladas de um todo, mas como partes que formam uma totalidade harmônica, por isso toda tentativa de “esquartejar” a pessoa em pedaços de pseudofelicidades é perigoso.
4. Por fim, concluiremos com **uma visão do carisma salesiano** e de sua genialidade nas figuras de Dom Bosco, fundador, e de Madre Mazzarello, cofundadora, na genialidade feminina do único carisma, na riqueza de gêneros.

A cada tema dedicaremos um único esquema composto de fonte bíblica, coordenadas teológicas e pastorais, pistas para reflexão e esquema celebrativo. Assim, o educador poderá ler atentamente, sozinho ou em grupo, para completar, na riqueza da partilha, a evolução do próprio conhecimento.

Também citaremos as fontes de inspiração deste subsídio, sem, contudo, perder-nos no rigor de um estudo científico, que não é o objetivo primeiro, mas o de proporcionar elementos para posteriores aprofundamentos.

PRIMEIRO ENCONTRO

HUMANISMO CRISTÃO





Retomando os ensinamentos do arquiteto romano Marcus Vitruvius (séc. I a.C.) Leonardo da Vinci elaborou o desenho conhecido como *O homem vitruviano*.

Também chamado *Cânone das proporções* é uma interpretação visual e matemática da noção segundo a qual a simetria básica do corpo humano reflete a perfeição do Universo, no centro do qual se situa o homem, que é *a medida de todas as coisas*, segundo o ensinamento do filósofo grego Protágoras de Abdera. (séc. V a.C.)

Página anterior:

Leonardo da Vinci (1452-1519)
O Homem vitruviano (c.1490)
Veneza: Galeria da Academia

Quando Dom Bosco, em 1854, reuniu um grupo de jovens oratorianos e propôs um ano de exercício de caridade para com os jovens mais pobres, ele disse que seriam chamados de salesianos, pois estariam sob a proteção do bispo São Francisco de Sales, conhecido pelo seu trato amável com as pessoas.¹ Eis, então, a fonte da doçura e da bondade salesiana no serviço educativo-evangelizador. Não se trata de um humanismo simplesmente, mas de um humanismo fundamentado no amor *paciente, benfazejo, que desculpa tudo, crê em tudo, espera tudo, suporta tudo* (1Cor 13,4 ss).

FONTE BÍBLICA

Ó Senhor, nosso Deus, que coisa é o homem para dele te lembrares, que é o ser humano para o visitares? No entanto o fizeste só um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos. Tudo puseste sob os seus pés: todas as ovelhas e bois, todos os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar, todo ser que percorre os caminhos do mar. Ó Senhor, Senhor nosso, como é glorioso o teu nome em toda a Terra (Sl 8,1.5-10).

O ser humano não é um ser isolado. O Concílio Vaticano II² enfatizou essa realidade ao reafirmar que a dignidade da pessoa está em ser imagem de Deus, como bem nos revela o livro do Gênesis, capítulo primeiro, verso 26.³ Por ser imagem de Deus, o ser humano é ser social, pois, no ato da criação, estão o homem e a mulher (Gn 1,27). Ora, o humanismo cristão é essencialmente composto de relações interpessoais na busca constante do outro porque não vemos o outro como ameaça, mas como possibilidade de crescimento. Embora, como bem disse Bento XVI na sua homilia no Domingo de Pentecostes de 2012, nos dias atuais, o ser humano parece provar divisões:

1 MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A corda bamba e a certeza: o santo Dom Bosco*. São Paulo: Palavra e Prece, 2010, p. 90 ss.

2 CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965). O maior evento da Igreja Católica no século XX marcou definitivamente a compreensão da missão da Igreja no mundo. Convocado pelo Papa João XXIII em 1959, teve um caráter eminentemente pastoral, missionário, ecumênico e de abertura ao diálogo com o mundo moderno. Para ele acorreram bispos de todo o mundo.

3 CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral "Gaudium et Spes"*, Compêndio do Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, n. 12.

Todos podemos constatar como, em nosso mundo, mesmo estando cada vez mais próximos uns dos outros graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação e as distâncias geográficas parecem desaparecer, a compreensão e a comunhão entre as pessoas tornam-se superficiais e difíceis. Persistem desequilíbrios que, com frequência, levam a conflitos; o diálogo entre as gerações é cada vez mais complicado e, às vezes, prevalece a contraposição; assistimos a fatos diários em que nos parece que os homens estão se tornando mais agressivos e furiosos; compreender-se parece demasiado árduo e se prefere buscar o próprio eu, os próprios interesses.⁴

De fato, essa realidade paradoxal nos alerta a uma retomada do humanismo cristão para buscar uma melhor compreensão entre as pessoas, sobretudo para que os jovens de hoje possam encontrar seu espaço na sociedade e nós, como educadores, saibamos criar uma sociedade rica de propostas e projetos de vida. Entretanto, a Torre de Babel que se instala entre nós tem suas colunas fundadas no consumo, no hedonismo, na indiferença, no relativismo que, muitas vezes, confunde e enfraquece nossa ação educativo-evangelizadora⁵, como também reafirma o Papa na mesma homilia:

O que é Babel? É a descrição de um reino no qual os homens alcançaram tanto poder que pensaram que já não necessitavam fazer referência a um Deus distante, e que eram tão fortes que podiam construir por si mesmos um caminho que chegasse ao céu para abrir suas portas e ocupar o lugar de Deus. Porém, precisamente nessa situação, sucedeu algo estranho e singular. Enquanto os homens estavam trabalhando juntos para construir a torre, improvisamente se deram conta de que estavam construindo uns contra os outros. Enquanto tentavam ser como Deus, corriam o perigo de já não serem nem homens, porque haviam perdido um elemento fundamental dos seres humanos: a capacidade de colocar-se de acordo, de entender-se e de atuar juntos.⁶

4 BENTO XVI. *Homilia Domingo de Pentecostes*, 27-5-2012.

5 CELAM. Documento de Aparecida, *O. cit.*, n. 46.

6 BENTO XVI. *Homilia Domingo de Pentecostes*, 27-5-2012.

Trata-se, portanto, de uma sociedade cujo humanismo tenta “agir como se Deus não existisse”.⁷ Esse elemento atual da cultura nos desafia a ser, em primeiro lugar, homens e mulheres que saibam responder às inquietações profundas sobre Deus em nossas próprias vidas, para encontrar o valor da verdadeira felicidade, que não se baseia apenas na ávida busca do imediato e do material.

Embora esse clima de Babel seja forte em nossos dias, podemos também encontrar elementos de um humanismo que se fundamenta na redescoberta do valor da pessoa,

*de sua consciência e experiência, da busca do sentido da vida e da transcendência. Essa ênfase na apreciação da pessoa abre novos horizontes, onde a tradição cristã adquire renovado valor, sobretudo quando a pessoa se reconhece no Verbo encarnado que nasce em um estábulo e assume uma condição humilde, de pobre.*⁸

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS E PASTORAIS

A pergunta que ultrapassou a história em vista de um humanismo cristão foi “Como vamos saber o caminho?” (Jo 14,5). Por que seguir Jesus como *caminho, verdade e vida?* (Jo 14,6). Jesus de Nazaré foi uma pessoa concreta. Seu nome faz referência.

*a um judeu do século I que posteriormente veio a ser reconhecido por alguns, ou por muitos, dependendo da perspectiva, como o Messias, o Ungido, ou o Cristo. O título CRISTO logo se transformou em um segundo nome próprio, de modo que muito provavelmente ele passou a ser conhecido como Jesus Cristo após a morte.*⁹

7 CELAM. *Documento de Aparecida*. O. cit., 42.

8 IDEM. *Ibidem*, n. 52.

9 HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 29.

Jesus de Nazaré é, portanto, a única mediação da real experiência de Deus na história.

A questão fundamental para um humanismo cristão encarnado na história atual é responder à pergunta: *Quem é Jesus?* Sem saber de fato quem foi Jesus, um cristão não poderá dar a razão da própria esperança.¹⁰ Então, temos seis elementos importantes a considerar nesta abordagem:¹¹

1. *a maneira como os primeiros seguidores de Jesus o entenderam;*
2. *a compreensão do fato de Jesus ter ressuscitado dos mortos gera uma nova convicção do cristão que impacta uma cultura espiritualista;*
3. *o sofrimento humano encontra em Jesus Cristo um significado salvífico, ao contrário de toda tentativa de eliminar a dor;*
4. *a relação de Jesus com as demais religiões. N'Ele, por Ele e com Ele, temos o dado de uma realidade definitiva, revelada por Deus. Isto é, um campo aberto e polêmico;*
5. *o significado da salvação para todos ou para muitos é hoje um tema que reacende o debate. Afinal, Jesus morreu por todos?;*
6. *o tema da divindade de Jesus. Jesus não é um humano divinizado ou um Deus humanizado; ele é Deus, único e verdadeiro.*

Jesus é “o Filho de Deus, a Palavra feita carne, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, prova do amor de Deus aos homens. Sua vida é uma entrega radical de si mesmo em favor de todas as pessoas, consumada definitivamente em sua morte e ressurreição. Ele é o Salvador”.¹² Essa fé da Igreja de todos os tempos encontra sua expressão mais humana num texto do Concílio Vaticano II que afirma:

Com efeito, por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência

10 IDEM. *Ibidem*, p. 42.

11 IDEM. *Ibidem*, p. 42-43.

12 CELAM. *Documento de Aparecida*. O. cit., n. 102.

humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (Hb 4,15).¹³

A pessoa de Jesus de Nazaré continua suscitando uma série de inquietações. Afinal, por que crer n'Ele? Durante aquele período de sua vida pública, as autoridades religiosas e políticas queriam saber da origem de sua sabedoria e autoridade. Os discípulos, por sua vez, sonhavam com o Reino que Ele anunciava e, ao que tudo indica, desejavam um lugar de destaque nesse reinado.

Contudo, Jesus de Nazaré não foi um homem importante. Não tinha uma família poderosa, não cresceu numa cidade influente, não cursou escolas rabínicas. Ele foi um homem que cresceu à margem do poder civil e religioso. Foi um "judeu marginal", quer dizer, sem importância. Foi batizado no Jordão por João Batista e, portanto, aderiu às pregações de João, embora não seguisse a maneira eremítica do Batista, pois, enquanto João Batista habitava o deserto, Jesus caminhava livremente pelas cidades. Jesus foi um homem do povo, um pregador das praças públicas, dos mercados e das sinagogas.

Jesus viveu tão à margem do poder religioso e civil que seus dados biográficos são mínimos. Não é possível construir uma biografia sobre Ele. Sabemos que era filho de Maria e seu pai, o carpinteiro José. Suas origens remontam, segundo o Evangelho de Mateus, à linhagem davídica (Mt 1,1 ss), embora sua concepção tenha sido misteriosa. Quando criança, sua vida foi marcada pela sobrevivência. Primeiro escapou do massacre promovido por Herodes. Depois escapou do deserto, na fuga para o Egito. Durante 40 dias, esteve ali, isolado em oração e jejum. Em suas andanças, foi questionado, hostilizado, provado por inimigos poderosos, mas não se intimidou. Nem mesmo seus seguidores o entenderam e foi traído por Judas e negado por Pedro. Preso como malfeitor, foi julgado e condenado pelos religiosos da época e pelo representante do poder romano.

¹³ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral "Gaudium et Spes"*, Compêndio do Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1987, n. 12.

Precisamos, com urgência, fazer um processo de aproximação para conhecer melhor Jesus, o Salvador. Propomos como método a leitura dos Evangelhos a partir do relato da paixão, segundo as Escrituras, depois deixemos que os autores sagrados nos narrem dados de sua origem, suas palavras e obras, e concluamos com fatos que envolveram a ressurreição, segundo as Escrituras. Na sequência, bebamos do testemunho de Paulo e dos demais autores sagrados que, respondendo a questões particulares das comunidades, dão razão da esperança em Jesus, o Cristo. Essa metodologia pode ajudar numa leitura corrida do Novo Testamento para posterior aprofundamento.

PISTAS PARA REFLEXÃO

1. *Ide contar a João o que estão ouvindo e vendo (Mt 11,4).*

Como podemos encontrar Jesus numa cultura que pede sinais materiais, enquanto Ele é não material?

2. *Eu vim para que todos tenham vida (Jo 10,10).*

Como encontrar Jesus nos sobreviventes de hoje, que sofrem as mazelas da pobreza, da violência, da indiferença, da exclusão?

3. *Eles estão no mundo, mas não são do mundo (Jo 17,14).*

O fato de estar no mundo requer do seguidor de Jesus o compromisso de deixar uma marca positiva de transformação ou o destino é que conta?

ANOTAÇÕES

A large rectangular area with a thin orange border, containing 23 horizontal lines for writing.



CELEBRAÇÃO

Em ambiente adequado, preparem-se rostos de várias raças, culturas e nações. No centro, uma cruz com o Cristo, uma vela para cada participante.

Animador: Estamos aqui como homens e mulheres que buscam em Jesus o verdadeiro sentido do ser pessoa voltada para o outro. Deixemo-nos guiar pela luz que transforma todas as coisas.

1. Canto

Ele assumiu nossas dores,
veio viver como nós,
santificou nossas vidas cansadas,
vencidas de tanta ilusão.
Ele falou do teu Reino e te chama de Pai.
E revelou tua imagem
que deu-nos coragem de sermos irmãos.

Refrão: Ousamos chamar-te de Pai.
Ousamos chamar-te Senhor.
Jesus nos mostrou que tu sentes
e ficas presente onde mora o amor.
Pai nosso que estás no céu, Pai nosso que estás aqui

Ele mostrou o caminho, veio dizer quem tu és.
Disse com graça e com jeito
que os nossos defeitos tu vais perdoar.
Disse que a vida que deste,
queres com juro ganhar.
Cuidas de cada cabelo
que vamos perdendo sem mesmo notar.

2. Palavra de Deus (Mt 19,16-26)

O Reino é dom e partilha

¹⁶Um jovem se aproximou e disse a Jesus: “Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?” ¹⁷Jesus respondeu: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Um só é o bom. Se você quer entrar para a vida, guarde os mandamentos.” ¹⁸O homem perguntou: “Quais mandamentos?” Jesus respondeu: “Não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; ¹⁹honre seu pai e sua mãe; e ame seu próximo como a si mesmo.” ²⁰O jovem disse a Jesus: “Tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?” ²¹Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me.” ²²Quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico. ²³Então Jesus disse aos discípulos: “Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. ²⁴E digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.” ²⁵Ouvindo isso, os discípulos ficaram muito espantados e perguntaram: “Então, quem pode ser salvo?” ²⁶Jesus olhou para os discípulos e disse: “Para os homens, isso é impossível, mas, para Deus, tudo é possível.”

Animador: Após alguns minutos de silêncio pessoal, vamos partilhar dessa Palavra. A pergunta do jovem é também nossa pergunta hoje. O que fazer para ter a vida eterna?

Após alguns instantes de silêncio, o animador suscita a partilha. Conforme os participantes falam, acendem-se as velas e colocam-se junto aos rostos.

3. Salmo 91

Lado 1: Tu que estás sob a proteção do Altíssimo e moras à sombra do Onipotente, dize ao Senhor: Meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus, em quem confio.

Lado 2: Ele te livrará do laço do caçador, da peste funesta; ele te cobrirá com suas penas, sob suas asas encontrarás refúgio. Sua fidelidade te servirá de escudo e couraça.

Todos: Não temerás os terrores da noite nem a flecha que voa de dia, nem a peste que vagueia nas trevas, nem a epidemia que devasta ao meio-dia.

Voz 1: Cairão mil ao teu lado e dez mil à tua direita; mas nada te poderá atingir.

Voz 2: Basta que olhes com teus olhos, verás o castigo dos ímpios.

Lado 1: Pois teu refúgio é o Senhor; fizeste do Altíssimo tua morada. Não poderá te fazer mal a desgraça, nenhuma praga cairá sobre tua tenda.

Lado 2: Pois ele dará ordem a seus anjos para te guardarem em todos os teus passos. Em suas mãos te levarão para que teu pé não tropece em nenhuma pedra.

Todos: Caminharás sobre a cobra e a víbora, pisarás sobre leões e dragões. Eu o salvarei, porque a mim se confiou; eu o exaltarei, porque conhece meu nome.

Voz 1: Ele me invocará e lhe darei resposta; perto dele estarei na desgraça.

Voz 2: Vou salvá-lo e torná-lo glorioso.

Todos: Vou saciá-lo com longos dias e lhe mostrarei minha salvação.

Animador: Destaquemos deste belo Salmo uma palavra ou frase que nos renova.

4. Canto

A ti, meu Deus, elevo meu coração,
elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz.
A ti, meu Deus, eu quero oferecer
meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

Refrão: A tua ternura, Senhor, vem me abraçar.
E a tua bondade infinita, me perdoar.
Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração,
eu quero sentir o calor de tuas mãos.
A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor
ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar.
Em ti, Senhor, humildes se alegrarão
cantando a nova canção de esperança e de paz.

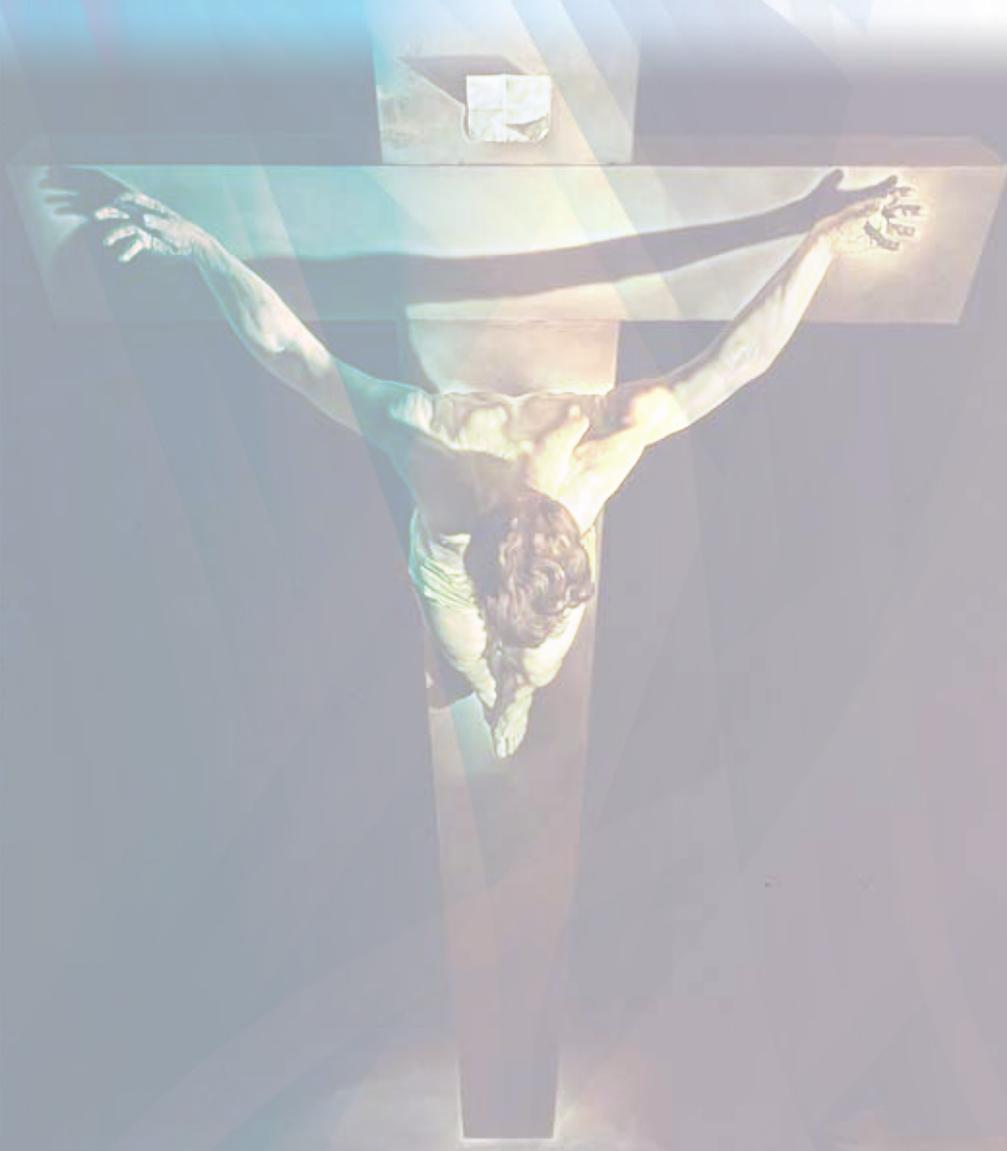
Animador: Que o Deus da vida esteja junto de nós para nos proteger,
diante de nós para nos acompanhar e na nossa frente para
nos guiar.

Todos: Amém.

O animador convida a todos a concluir com o abraço de paz.

SEGUNDO ENCONTRO

REALIZAÇÃO DA PESSOA: SALVAÇÃO



Deus nosso Salvador deseja que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e a humanidade: Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos. (1Tm, 2, 4-6)

Vendo o desenho de um crucifixo feito por São João da Cruz, Dalí concebeu essa imagem de Cristo como mediador entre o céu e a Terra, combinando um triângulo (o corpo com os braços em cruz) e um círculo (a cabeça) unindo uma cena cotidiana ao mistério da divindade, representado no fundo escuro do quadro.

Página anterior:

Salvador Dalí (1904-1989)
Cristo de São João da Cruz (1951)
Glasgow: The Glasgow Art Gallerie

O Concílio Vaticano II dedicou dois capítulos significativos da *Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”* para descrever, à luz de Jesus Cristo, o homem novo, a situação da condição humana.¹ O texto começa com uma reflexão interessante:

Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão, o primeiro homem, era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto, de se admirar que, em Cristo, essas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice [...] Tal e tamanho é o mistério do homem que, pela revelação cristã, brilha para os fiéis. Por Cristo e em Cristo, portanto, ilumina-se o enigma da dor e da morte, que, fora do seu Evangelho, nos esmaga.²

Nessa realidade eminentemente salvífica, instaura-se a realização da pessoa humana e sua necessária adesão à pessoa de Jesus, não a uma ideia sobre ele. Contudo, o que podemos entender por salvação nos dias atuais?

FONTE BÍBLICA

Antes de tudo, peço que se façam súplicas, orações, ação de graças por todas as pessoas, pelos reis e pelas autoridades em geral, para que possam levar uma vida calma e tranquila, com toda piedade e dignidade. Isso é bom e agradável a Deus, nosso Salvador. Ele quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só Senhor mediador entre Deus e a humanidade: o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos (1Tm 2, 1-6).

Salvar é um tema que está presente em muitos textos da Sagrada Escritura, mas a noção de salvação (de que se salva) não tem um conteúdo explícito. No Novo Testamento, o termo estar salvo apresenta vários significados:

¹ *Gaudium et Spes*, Compêndio do Vaticano II, O. cit., n. 23-39.

² *IDEM. Ibidem, Concílio Vaticano II: Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”, n. 22.*

libertados do pecado, do peso da lei, da morte, das trevas, perdoados dos pecados, justificados, santificados, filhos de Deus, templos do Espírito Santo, experimentando alegria, consolação, liberdade do Espírito. Enfim, o termo é plural e se resume numa plenitude do ser humano, na felicidade total. O texto de São Paulo é claro sobre isso: Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

O Vaticano II afirma que o “conhecimento expresso de Deus” é o caminho da salvação, porque conduz a pessoa a uma vida reta.³ Então, do ponto de vista cristão, a salvação da pessoa “deve iluminar, orientar, sanar, corrigir, estimular, plenificar qualquer setor da vida humana, sem se limitar a apenas alguns deles. A salvação é Dom de Deus, é-nos oferecida gratuitamente em Jesus Cristo”.⁴ Isso nos garante que é no contexto vital que a pessoa humana experimenta a salvação, não unicamente no campo religioso. Por conseguinte, é o amor que nos compromete com o bem do outro que salva porque visa à eternidade.⁵ “Mesmo desconhecendo Jesus, mas amando, alguém participa da fé nele. E, por isso, já vive incoativamente a eternidade na medida do amor. A fé que salva é aquela que está informada de amor”.⁶ Contudo, na revelação de Jesus Cristo e na sua adesão a ele, a salvação ganha maior expressão e significado, como bem diz São Paulo a Tito:

Nós também, outrora, éramos sem conhecimento, rebeldes, desorientados, vivendo na maldade e na vaidade, odiosos e odiando-nos uns aos outros. Mas, quando se manifestou a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor pela humanidade, Ele nos salvou, não por causa dos atos de justiça que tivéssemos praticado, mas por causa da sua misericórdia, mediante o banho de regeneração e renovação do Espírito Santo (Tt 3,4-5).

3 CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Compêndio do Vaticano II. *O. cit.*, n. 16.

4 MIRANDA, Mario de França. “Compreender a salvação cristã no século XXI”. In: *Vida Pastoral*, a. 53, n. 284, p. 18-19, maio-jun. 2012.

5 RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Herder, 1970, p. 302; BENTO XVI. *Encíclica “Deus Caritas Est”, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade*. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 5.

6 LIBANIO, João Batista. “Só se salva e ganha a vida eterna quem aceita Jesus? Nesse caso só os cristãos serão salvos?” In: *Vida Pastoral*, a. 52, n. 279, p. 3, jul.-ago. 2011.

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS E PASTORAIS

O Concílio Vaticano II afirma que “A Igreja é em Cristo como que o Sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.⁷ Ela se apresenta assim em várias imagens: redil, lavoura, construção, Jerusalém celeste, Corpo Místico de Cristo.⁸ Mas foi na formação do Povo de Deus, constituído desde sempre, que Deus se manifestou.⁹

Este povo messiânico tem por cabeça Cristo, o qual foi entregue por nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (Rm 4,25), e agora, tendo conseguido um nome que está sobre todo o nome, reina gloriosamente nos céus. Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou. Sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na Terra, a ser estendido mais e mais até que, no fim dos tempos, seja consumado por Ele próprio, quando aparecer Cristo, nossa vida (Cl 3,4).¹⁰

Trata-se, pois, de uma forte imagem salvífica que transcende o mero agir humano, mas se concentra no desejo misterioso de Deus que se doa, portanto,

A práxis cristã, marcada pela gratuidade, pela misericórdia, pelo perdão, pela justiça e pelo amor, recupera e fortalece o que há de melhor no ser humano, gera uma comunidade humana menos deformada pelo egoísmo e demonstra que o reino de Deus, embora só vá se realizar plenamente na vida eterna em Deus, já acontece em nossa história. Pois acolher o reino é acolher a Deus e o irmão, sem que possamos separar esse duplo acolhimento.¹¹

Por conseguinte, na ressurreição, ápice do mistério pascal, Jesus se constituiu como o primeiro ressuscitado, o protótipo para todos nós que vivemos

7 *Lumen Gentium*, Compêndio do Vaticano II, O. cit., n. 1.

8 IDEM. *Ibidem*, n. 6-7.

9 IDEM. *Ibidem*, n. 9.

10 IDEM. *Ibidem*.

11 MIRANDA, Mario de França. *Compreender a salvação cristã no século XXI*. O. cit., p. 19.

na história, e queremos experimentar a verdade da salvação, na acolhida dos mais necessitados, fazendo morrer o egoísmo que nos fecha na morte.

A salvação assim entendida se concretiza conforme a vivemos a partir de Jesus Cristo, que orienta, estrutura e estimula o nosso agir no encontro com o outro; aí acontece o Reino de Deus, a salvação de Deus. Numa sociedade fadada ao individualismo, a salvação rompe os condicionamentos e nos abre ao amor ao próximo.

Amar a Deus e amar ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas ambos vivem do amor preveniente com que Deus nos amou primeiro. Desse modo, já não se trata de um “mandamento” que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor é divino.¹²

Por conseguinte, a Igreja, que é em Cristo como sacramento, não um oitavo, manifesta plenamente o mistério salvífico de Jesus Cristo como mediadora dessa obra redentora, conforme se torna Corpo do ressuscitado presente no mundo, amando e transformando, anunciando e denunciando que Deus é amor e que o rancor, a opressão, a fome e toda injustiça têm sua raiz na cegueira ética.¹³

PISTAS PARA REFLEXÃO

“O homem, porém, já desde o início, rejeitou o amor de seu Deus. Não teve interesse pela comunhão com Ele. Quis construir, prescindindo de Deus, um reino neste mundo. Em vez de adorar o Deus verdadeiro, adorou os ídolos, as obras de suas mãos, as realidades deste mundo; adorou-se a si próprio. Por isso, o homem

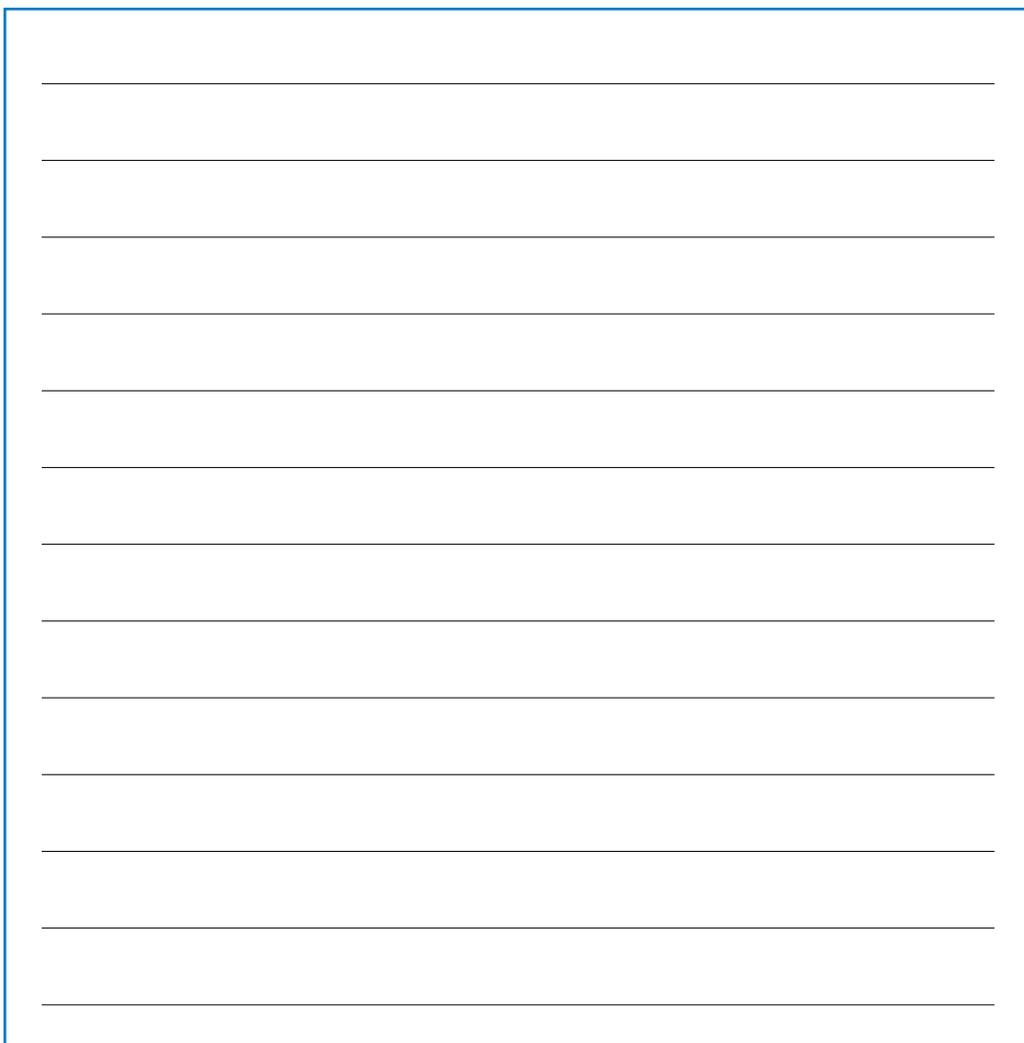
12 BENTO XVI. *Encíclica “Deus Caritas Est”*. O. cit., n. 18.

13 CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*, Compêndio do Vaticano II. O. cit., n. 48; MAIA, Geraldo. “A Igreja, sacramento universal de salvação”. In: *Vida Pastoral*, a. 53, n. 285, p. 3-10, jul.-ago. 2012; BENTO XVI. *Encíclica “Deus Caritas est”*, O. cit., n. 28 ss.

se dilacerou interiormente. Penetraram no mundo o mal, a morte e a violência, o ódio e o medo. Estava destruída a convivência fraterna” 14.

1. Como experimento a salvação de Deus no cotidiano?
2. Como percebo o Reino de Deus nas ações que realizo e como o nego?
3. Quais ídolos são adorados hoje que negam a salvação de Deus?

ANOTAÇÕES



14 CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1986, n. 185.

CELEBRAÇÃO

O grupo se organiza num círculo, com uma cruz e a Bíblia no centro.

Animador: Caros amigos, depois de estudar este texto que nos levou a pensar na salvação de Deus que acontece ainda hoje em nossas vidas, somos agora convidados a rezar. Na oração, unimos o céu e a terra. É nosso diálogo consciente com Deus.

1. Salmo 26 (27)

Lado 1: O Senhor é minha luz e salvação; de quem eu terei medo? O Senhor é a proteção da minha vida; perante quem eu temerei?

Lado 2: Quando avançaram os malvados contra mim, querendo devorar-me, são eles, inimigos e opressores, que tropeçam e sucumbem.

Todos: Se os inimigos se acamparem contra mim, não temerá meu coração; se contra mim uma batalha estourar, mesmo assim confiarei.

Lado 1: Ao senhor eu peço apenas uma coisa, e é só isto que eu desejo: habitar no santuário do Senhor por toda a minha vida; saborear a suavidade do Senhor e contemplá-lo no seu templo.

Lado 2: Pois um abrigo me dará sob o seu teto nos dias da desgraça; no interior de sua tenda há de esconder-me e proteger-me sobre a rocha.

Voz 1: E agora minha frente se levanta em meio aos inimigos.

- Voz 2:** Ofertarei um sacrifício de alegria, no templo do Senhor.
- Voz 3:** Cantarei salmos ao Senhor ao som da harpa e hinos de louvor.
- Voz 4:** Ó Senhor, ouvi a voz do meu apelo, atendei, por compaixão.
- Voz 5:** Meu coração fala convosco confiante, e os meus olhos vos procuram.
- Voz 6:** Senhor, é vossa face que eu procuro; não me escondais a vossa face.
- Todos:** Ensinaí-me, ó Senhor, vossos caminhos e mostrai-me a estrada certa. Por causa do inimigo, protegeí-me, não me entregueis a seus desejos. Porque falsas testemunhas se ergueram e vomitam violência.
- Lado 1:** Sei que a bondade do Senhor eu hei de ver na terra dos viventes.
- Lado 2:** Espera no Senhor e tem coragem, espera no Senhor.
- Todos:** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, amém.

2. Palavra de Deus: Hebreus 4,12-13

A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Ela julga os pensamentos e as intenções do coração. E não há criatura que possa ocultar-se diante dela. Tudo está nu e descoberto aos seus olhos, e é a ela que devemos prestar contas.

Pausa para reflexão e partilha do texto.

3. Oração espontânea

Animador: Caríssimos, diante do Senhor redentor nosso, que por nós sofreu a Paixão, foi sepultado e ressuscitou para nossa salvação, peçamos confiantes o que mais necessitamos.

Todos: Iluminai-nos, Senhor, com vossa luz.

Após algumas preces, o animador conclui, convidando todos a rezarem o Pai-nosso.

4. Bênção

Animador: Que o Senhor nos proteja e guarde.

Todos: Amém.

Animador: Volva seu olhar sobre nós e se compadeça de nossas fraquezas.

Todos: Amém.

Animador: Abençoe nossas famílias, amigos e toda nossa comunidade educativa.

Todos: Amém.

Animador: Proteja nossas crianças, adolescentes e jovens de todo mal.

Todos: Amém.

Animador: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

TERCEIRO ENCONTRO

PROMOÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO



Cumprir a lei, ainda que com total fidelidade à sua letra é muito, mas não é tudo. Só atinge a perfeição na observância do mandamento quem vai ainda além, movido pelo espírito da Lei. Na parábola do Bom Samaritano, Jesus define claramente esse “espírito” na amplidão de sua universalidade, sem limites de tempo, espaço, raça, credo ou de qualquer outra natureza.

Página anterior:

Nicolas Morot Aimé (1850-1913)

O Bom Samaritano (1880)

Paris: Petit Palais

A preocupação com a promoção do ser humano sempre esteve presente na ação da Igreja ao longo dos séculos. Desde seus inícios, o próprio Jesus acompanha as pessoas, “as aspirações, as buscas, os problemas e as dificuldades”.¹ Jesus, Evangelho do Pai, não passou indiferente pelo cego, faminto, coxo, pecador, leproso (Mc 6,34-44; At 10,38; Mt 25). Seus gestos e palavras revelaram que a vontade de Deus é a libertação de todo homem e mulher. Ele é o Bom Samaritano, que manifesta a caridade ativa e o mistério da pessoa. Então, promoção humana significa “levar o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas, até chegar ao pleno conhecimento de Jesus Cristo. É um canto à vida, de toda vida, desde o não nascimento até o abandono.”²

FONTE BÍBLICA

Um doutor da Lei se levantou e, querendo experimentar Jesus, perguntou: Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna? Jesus lhe disse: Que está escrito na Lei? Como lêis? Ele respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente. Faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus retornou: Certo homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe arrancaram tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote estava passando por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, o viu e moveu-se de compaixão. Aproximou-se dele e tratou as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois o colocou em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou dois denários e os entregou ao dono da pensão, recomendando:

1 CELAM. IV Conferência-geral do Episcopado Latino-americano, Santo Domingo, conclusões. São Paulo: Loyola, 1992, n. 16.

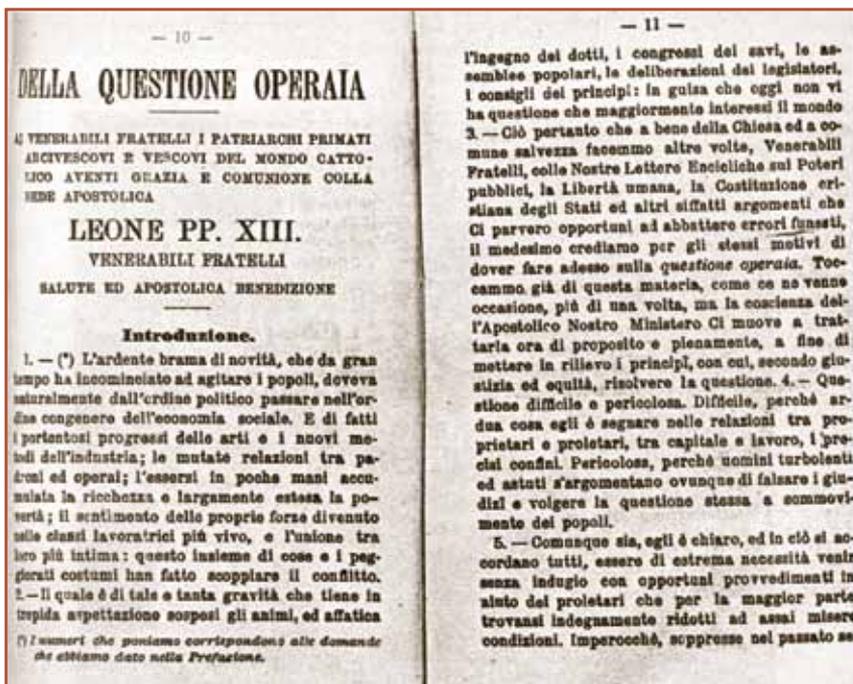
2 IDEM. *Ibidem*, n. 162.

Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais. E Jesus perguntou: Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Então Jesus lhe disse: Vai e faz tu a mesma coisa (Lc 10, 25-37).

A fé cristã se fundamenta exatamente na conjugação neste agir movido pela compaixão, porque uma fé sem obras é morta (Tg 2,14-17.26). É preciso, então, verificar se, em nosso cotidiano, há coerência entre fé e vida ou se é um mero discurso vazio.

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS E PASTORAIS

A questão da promoção integral do ser humano começou a entrar na agenda da Igreja de modo sistemático, como doutrina social, a partir do final do século XIX e o agravamento dos males sociais ligados à Segunda Revolução Industrial. O Papa Leão XIII, diante do desenvolvimento da indústria, das cidades,



Trecho inicial da *Rerum Novarum*, em publicação da época. Fonte: BERTOLDI, Silvio. *Il Cammino dei Secoli-III*. Milano: Fabbri Editore, 1987.

do surgimento de bairros operários, das leis liberais, da grande crise social entre 1885-1890, com a fundação do sindicalismo na França, em 1884, e do socialismo, em 1890, publicou a famosa e profética encíclica *Rerum Novarum*.³

O texto estava dividido em quatro partes:

- crítica ao socialismo;
- a doutrina social da Igreja;
- o papel do Estado;
- a importância das associações livres.

No número 34 da encíclica, Leão XIII afirmava profeticamente: “a economia deve estar submissa à ética”. No Concílio Vaticano II, a promoção integral do ser humano ganhou força e profetismo nestas expressões:

*Cresce, porém, ao mesmo tempo, a consciência da dignidade da pessoa humana, superior a todas as coisas. Seus direitos e deveres são universais e invioláveis. É preciso, portanto, que se tornem acessíveis ao homem todas aquelas coisas que lhe são necessárias para levar uma vida verdadeiramente humana. Tais são: alimento, roupa, habitação, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo a norma reta de sua consciência, direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa.*⁴

Os papas que se sucederam ao longo do século XX e XXI sempre trataram a questão da promoção humana em suas encíclicas sociais. A última foi de Bento XVI, *Caritas in Veritate*⁵, para celebrar e fazer uma releitura dos 40 anos da publicação da *Populorum Progressio*.⁶ Escrita logo depois do Concílio Vaticano II, esta

3 LEÃO XIII. Carta encíclica “*Rerum Novarum*”, sobre a condição dos operários (15-5-1891).

4 Concílio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, Compêndio do Vaticano II, *O. cit.*, n. 279. Certamente essas palavras tiveram como inspiração duas grandes encíclicas sociais publicadas no bojo do Concílio. Cf. JOÃO XXIII, Carta encíclica *Mater et Magistra*, AAS 53 (1961) e Carta encíclica *Pacem in Terris*, AAS 55 (1963).

5 BENTO XVI. Carta encíclica “*Caritas in Veritate*”. São Paulo: Paulinas, 2009.

6 PAULO VI. Carta encíclica “*Populorum Progressio*”, sobre o desenvolvimento dos povos (26-3-1867), AAS 59.

refletiu sobre o desenvolvimento humano. É nesse contexto e também à luz dos Direitos Humanos que, na década de 1960, após a II Conferência do Episcopado Latino-americano, em Medellín, surgiu, sobretudo na América Latina e no Brasil, a Teologia da Libertação, cujo tema da promoção humana integral tornou-se palavra de ordem. Com ela, grupos de teólogos começaram a sistematizar e a viver uma prática evangelizadora inserida no mundo dos pobres em coerência com a fé cristológica daquele Deus que se fez pobre por nós e, por conseguinte, é no rosto dos mais sofridos que o cristão contempla o rosto de Deus libertador.

A Igreja, ao proclamar o Evangelho, raiz profunda dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia à sua missão, mas ao contrário, obedece ao mandato de Jesus Cristo ao fazer da ajuda ao necessitado uma exigência essencial de sua missão evangelizadora. Os Estados não concedem esses direitos; a eles compete protegê-los e desenvolvê-los, pois pertencem, por sua natureza, ao homem.⁷

A terceira Conferência-geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla⁸, reforçou ainda mais o tema da promoção humana, afirmando:

A promoção humana implica atividades que ajudam a despertar a consciência do homem em todas as suas dimensões e a lutar por si mesmo como protagonista de seu próprio desenvolvimento humano e cristão. Educa para a convivência, dá impulso à organização, fomenta a comunicação cristã dos bens, ajuda de modo eficaz a comunhão e a participação.⁹

Em nossos dias, numa profunda mudança epocal, a Igreja renova o empenho pela promoção humana integral nas conclusões do Documento de Aparecida:

7 CELAM. *IV Conferência-geral do Episcopado Latino-americano, Santo Domingo*. O. cit., n. 165.

8 CELAM. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência-geral do Episcopado Latino-americano (1979). São Paulo: Paulinas, 1986, n. 470-479.

9 IDEM. *Ibidem*, n. 477.

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências-gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, os agricultores sem-terra e os mineiros.¹⁰

PISTAS PARA REFLEXÃO

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade da família, das enfermidades e da morte.¹¹

1. *Como você percebe hoje o forte individualismo e o enfraquecimento dos vínculos comunitários?*
2. *É verdade que a autorreferência ao individualismo conduz à indiferença pelo outro?*

10 CELAM. *V Conferência-geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Documento de Aparecida* (2007). Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 402. Conferir também: BLANK, Renold. "A Conferência de Aparecida e a Teologia da Libertação, um fogo que arde embaixo da terra". In: *Revista Vida Pastoral*, a. 49, n. 261, p. 3-11, jul.-ago. 2008. BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

11 CELAM. *V Conferência-geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. O. cit.*, n. 44.

CELEBRAÇÃO

Para esta oração, propomos alguns textos da encíclica *Caritas in Veritate*, (Caridade na Verdade) n. 78-79, formando um hino que ajuda a reconhecer a verdade da pessoa. O grupo se reúne numa capela para afirmar sua crença no ser humano.

Animador: “Sem Deus não sabemos para onde ir”. Jesus, certa vez, afirmou: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Na verdade, sentimos, em nossos dias, o esfriamento das relações, a busca desenfreada de si, a velocidade do tempo, mas falta algo de sentido pleno.

Lado 1: “Diante da vastidão do trabalho a realizar, somos apoiados pela fé na presença de Deus junto daqueles que se unem no seu nome e trabalham pela justiça.”

Voz 1: O Papa Paulo VI, na encíclica *O Desenvolvimento dos Povos*, dizia que o ser humano não é capaz de gerir sozinho o próprio progresso, porque não pode, por si mesmo, fundar um verdadeiro humanismo.

Voz 2: “Somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus com seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e exprimir novas energias a serviço de um verdadeiro humanismo integral.”

Lado 2: “Por isso, a maior força a serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus.”

Animador: “A disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e justa. Pelo contrário, a reclusão ideológica em relação a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador e correm o risco de esquecer os valores humanos, contam-se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento.”

1. Canto

PELOS CAMINHOS DA AMÉRICA (3V), LATINO-AMÉRICA (ZÉ VICENTE - VF-14/1989)

Pelos caminhos da América,
há tanta dor, tanto pranto,
nuvens, mistérios e encantos,
que envolvem nosso caminhar.
Há cruzes beirando a estrada,
pedras manchadas de sangue,
apontando como setas
que a liberdade é pra lá...

Pelos caminhos da América,
há monumentos sem rostos.
Heróis pintados, mau gosto,
livros de história sem cor,
caveiras de ditadores,
soldados tristes, calados,
com olhos esbugalhados
vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América,
há um índio tocando flauta,
recusando a velha pauta

que o sistema lhe impôs.
No violão, um menino
e um negro toca tambores.
Há sorte à mesa umas flores
pra festa que vem depois.

Voz 1: “É a consciência do amor indestrutível de Deus que nos sustenta no fadigoso e exaltante compromisso em favor da justiça, do desenvolvimento dos povos, por entre êxitos e fracassos, na busca incessante de ordenamentos retos para as realidades humanas.”

Voz 2: “O desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que o amor cheio de verdade, do qual procede o desenvolvimento autêntico, não o produzimos nós, mas é-nos dado.”

Lado 2: “O desenvolvimento implica atenção à vida espiritual, uma séria consideração das experiências de confiança em Deus, de fraternidade espiritual em Cristo, de entrega à providência e à misericórdia divina, de amor e de perdão, de renúncia a si mesmo, de acolhimento do próximo, de justiça e de paz.”

Lado 1: “Tudo isso é o ser humano, a pessoa, porque somos sujeitos da existência; e, ao mesmo tempo, é de Deus, porque Deus está no princípio e no fim de tudo aquilo que tem valor e redime.”

Todos: “Quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro, tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus” (1Cor 3,22-23).

Animador: Que o Deus amor nos abençoe.

Todos: Assim seja.

Animador: Que Deus Filho nos proteja.

Todos: Assim seja.

Animador: Que Deus Espírito Santo nos santifique.

Todos: Amém. Aleluia.

Todos se abraçam num gesto de fraternidade.

QUARTO ENCONTRO

**CARISMA:
DOM BOSCO E
MARIA MAZZARELLO**



O conhecido fenômeno da globalização é um fato vivido em nossa Congregação, o que nos coloca diante do desafio sempre mais premente de tornar presente o único carisma salesiano numa multiplicidade de variados contextos sociais.

Não resta dúvida de que o carisma salesiano é único, válido para todos e cada um, mas não pode ser vivido de forma unívoca; se não for bem enraizado na cultura em que a comunidade realiza a sua missão, não saberá desprender as virtualidades de salvação que encerra, não resultará significativo no hoje da nossa história, nem poderá subsistir no futuro.

Pe. Pascual Chávez Villanueva – (ACG 411)

Este último tema poderia ser intitulado: Quando Deus une. De fato, Deus uniu duas pessoas, ambas camponesas e de origem pobre, num grande projeto missionário para a salvação dos jovens. É um daqueles casos em que, se tivesse sido planejado, talvez não desse certo. Contudo, em Dom Bosco e Madre Mazzarello, encontramos semelhanças e originalidades que revelam o amor de Deus por nós. Seguiremos um esquema diferente para expor a reflexão.

UM SONHO, UM CHAMADO, UMA MISSÃO: JOÃO BOSCO

Do matrimônio entre Francisco Luís Bosco (4-2-1784 – 11-5-1817) e Margarida Occhiena (1º-4-1788 – 25-11-1856), nasceu João Melchior Bosco, no dia 16-8-1815, num lugarejo chamado Murialdo, Província de Castelnuovo, na casa Biglione, onde seus pais eram empregados. A família Bosco era de origem camponesa. Gente simples que aprendia nas capelas dos lugares por onde passava os elementos da fé e os transmitia aos filhos. O pai de João era viúvo e tinha um filho chamado Antônio José (2-2-1808 – 8-1-1849). Desse novo casamento, nasceu ainda José Luís (2-2-1813 – 12-12-1862) e a pequena Marta, que morreu ainda bebê. Francisco Luís trouxe também para a nova família a avó Margarida Zucca (20-3-1752 – 20-3-1826).

Joãozinho, aos 2 anos de idade, perdeu o pai.¹ Sua mãe tinha apenas 29 anos. A situação econômica era precária, mas a força de bravos camponeses não abateu a pequena família. Em 1825, o pequeno João teve um sonho que marcou definitivamente sua vida. Eis seu relato:

Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros se divertiam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento, apa-

1 MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A corda bamba e a certeza, o santo Dom Bosco*. São Paulo: Palavra e Prece, 2010, p. 28-29.

receu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses seus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:



- Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?
- Justamente porque parecem impossíveis, deve torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.
- Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?
- Eu lhe darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda a sabedoria se converte em estultice.
- Mas quem sois vós que assim falais?
- Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.
- Minha mãe diz que, sem licença, não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe.

Nesse momento, vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela.

Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido e, em lugar deles, estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.



– *Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais deves fazê-lo aos meus filhos.*

Tornei então a olhar e, em vez de animais ferozes, apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar; e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– *A seu tempo, tudo compreenderás.*

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Apenas levantou, o pequeno João contou o sonho aos familiares. Cada um reagiu de forma diferente: José disse: “Vais ser pastor de cabras, de ovelhas, e de outros animais”. Antônio retrucou: “Chefe de bandidos, isso sim”. Margarida deixou escapar uma profecia: “Quem sabe, um dia, serás sacerdote?”. Contudo, foi a avó Zucca que sentenciou: “Não se deve fazer caso dos sonhos”. João deixou escrito em suas memórias: “Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça”.² Um detalhe importante é que esse sonho se repetiu na vida de Dom Bosco sempre com novos elementos. Aos 58 anos, ele escreveu o sonho como estímulo a todos os seus filhos e colaboradores.

O fantástico desse sonho é seu caráter misterioso e vocacional. Não foi um sonho isolado da vida de João, mas o começo de um longo processo de amadurecimento vocacional e missionário. O homem de aspecto varonil é Jesus. Na espiritualidade da época, era comum a representação nobre e majestosa de Jesus. As brigas, os socos e a forma rude de reagir diante de blasfêmias eram comuns num menino criado com princípios cristãos. Os animais ferozes representam as criaturas que lutam para sobreviver, e a transformação em mansos cordeiros simboliza a realidade nova da salvação. A mulher majestosa é a Mãe Maria, a senhora da Anunciação, que permeia a religiosidade piemontesa. O campo da missão será difícil, mas terá sempre a presença da Mãe.

João foi um migrante. Aos 12 anos, saiu de casa e foi parar na casa da família Moglia. Ali viveu uma rica experiência familiar com o senhor Luís Nicolas Moglia, dona Dorothea Filippello, os filhos Ana Francisca Catalina e Jorge Lorenzo, as duas irmãs do senhor Luís, Teresa e Ana, e os tios, João e José. Um ambiente cristão que proporcionou ao adolescente João uma família substituta. Depois daquele ano com os Moglia (1829), João retornou para casa e fez amizade com o padre Melchior Calosso. Os dois se encontraram no caminho de Butigliera para Murialdo, depois de participar das santas missões. Padre Calosso ficou impressionado com a esperteza e a inteligência de João e resolveu ser seu professor. Uma grande amizade amadureceu entre ambos, mas o velho padre faleceu repentinamente, e o sonho de João ficou interrompido.

2 JOÃO BOSCO. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 30.

Para se recuperar da ausência do amigo, João foi enviado por sua mãe ao povoado de Capriglio para retomar os estudos. Foi um período de muitas dificuldades. Em seguida, João passou para a cidade de Chieri. Era o ano de 1831. Aos 16 anos, ele começou uma vida nova numa cidade de 9 000 habitantes. Ele mesmo nos relata essa mudança.

Para quem foi criado na roça e só conheceu um ou outro povoado do interior, qualquer novidadezinha causa grande impressão. Hospedei-me na casa de uma conterrânea, Lúcia Matta, com um só filho, que se mudara para aquela cidade a fim de assistir e vigiar.³

Na cidade de Chieri, João se destacou pelas muitas habilidades. Aprendeu a cantar, tocar piano, fazia mágica, teatro, aprendeu a costurar, foi padeiro e garçom. Estudava com gosto. Passou no primeiro ano por três níveis: quinto, sexto e primeiro de ensino ginásial; no segundo ano, por dois. No terceiro ano, concluiu o quarto de humanidades e, no quinto de ginásio, as aulas de retórica. Completou em quatro anos o que demorava sete.⁴ Em 1835, entrou para o seminário de São Filipe Néri, em Chieri, e permaneceu ali até 1841, quando, ao terminar os estudos de Filosofia e Teologia, foi ordenado padre na capela da Imaculada, no dia 5 de junho de 1841.

Daqui para frente, será uma nova história, sobre a qual vamos refletir no próximo subsídio. O que podemos tirar de proveito dessa época é que João Bosco foi capaz de superar o medo, o preconceito e a fome. Ele cresceu e rompeu com o condicionamento de ser um pobre camponês rude e analfabeto. Ele conseguiu, ganhou cidadania e tornou-se um honesto cidadão e um cristão exemplar.

3 IDEM. *Ibidem*, p. 51.

4 MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A corda bamba e a certeza, o santo Dom Bosco. O. cit.*, p. 41-43. São páginas preciosas dos anos do jovem Bosco em Chieri. Viveu intensamente sua juventude, e seus relatos sobre esse tempo são ricos em detalhes. Vale a pena lê-los para compreender mais ainda sua personalidade (cf. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, p. 51-91).

A FORÇA, A FRAGILIDADE E UMA GRANDE MISSÃO: MAÍN⁵

O título desta breve referência a Mazzarello quer revelar sua grandeza. Um livro muito interessante sobre ela usou a expressão: “Fundo e moldura: os campos”.⁶ De fato, boa parte da vida de Maín, Mazzarello, está situada na Província de Alexandria, entre o Monferrato e a Ligúria, na Itália. Fruto do matrimônio de José Mazzarello (1808 - 1879) e Maria Madalena Calcagno (1837-1894), Maria Domingas Mazzarello nasceu no dia 9 de maio de 1837, no povoado de Mornese, numa família de sete irmãos. A partir de 1843, a família passou para a Valponasca, uma propriedade rodeada de vinhedos. Mazzarello passou 21 anos na Valponasca, com algumas interrupções, um período rico de sua juventude e formação cristã. Trabalhava nos vinhedos com uma força tremenda e, no contato com a natureza, na solidão, no silêncio e com o apoio dos pais, formou uma personalidade religiosa profunda. Do pai, Maín herdou a sabedoria e da mãe, a coragem. “Ambos lhe transmitiram a fé robusta que os fez construir suas vidas sobre uma rocha: Cristo e seu Evangelho”.⁷

Distante uns dez quilômetros do lugarejo onde nasceu, Mazzarello contemplava de uma pequena janela do seu quarto os vinhedos, as casas, a igreja de Maria Auxiliadora. Esse olhar de Mazzarello revelava uma espiritualidade. Ela aprendeu a contemplar as necessidades de seus coetâneos e concluía com a visão da igreja, numa atitude de fé e confiança. Inclusive chegava a dizer que conseguia ver o tabernáculo. Depois brotou a amizade com Petronila, uma jovem mornesina, que se uniu a Mazzarello na mesma paixão eucarística e no ideal evangélico. Ambas levantavam cedo, mesmo no rigoroso inverno, e andavam da Valponasca até Mornese para participar da missa.

A partir de 1848, a situação política começou a mudar drasticamente. Cresceu entre o povo o sentimento anticlerical e o ódio à Igreja e ao Papa. Em Mornese, essa complexa realidade mexeu com os sentimentos do povo. Uma jovem de Mornese, Ângela Maccagno, sensibilizada pelos ataques anticlericais,

5 Maín era o apelido familiar de Maria Mazzarello.

6 GIUDICI, Maria Pia. *Uma mulher ontem e hoje*: Santa Maria Domingas Mazzarello. Turim: LDC, 1996.

7 IDEM. *Ibidem*, p. 8.

pediu ao pároco de Mornese, padre Pestarino, para fundar uma associação feminina para trabalhar pelo bem da Igreja e pelo socorro dos mais pobres. Nasceu, assim, as “Filhas da Imaculada”. Em 1855, com o regulamento da associação aprovado, o padre Pestarino convocou um grupo de jovens mornesinas: Ângela Maccagno, Maria Mazzarello, Maria Areco, Joana Ferretino e Rosina Mazzarello. Mazzarello era a mais jovem, com apenas 18 anos. “Tratava-se de fazer voto de castidade anual e voto de obediência ao diretor ou a uma jovem por ele designada e colocar tudo em comum. As Filhas da Imaculada deveriam ser fermento em meios aos paroquianos com o testemunho de vida e também com a palavra”.⁸ Apesar de ser uma associação secreta, as Filhas da Imaculada estavam prontas para dar a própria vida em defesa da Igreja.

Em 1860, a guerra no Piemonte causou muitos estragos. O pior deles foi o tifo. Os tios de Mazzarello contraíram a doença e precisavam de ajuda. Padre Pestarino foi até os pais de Maín e pediu que ela fosse ajudar os parentes. Maria escutou a conversa e teve medo. Ela sabia da gravidade da doença. Contudo, quando padre Pestarino pediu que ela fosse, Maria não duvidou. Foi para a casa dos tios. Tinha 22 anos. Cuidou com carinho de todos, ajudou a enterrar os mortos e fez de tudo para socorrer os mais atingidos. Na festa de Nossa Senhora da Assunção, Maria sentiu os primeiros sintomas da doença. Foi assistida pelas Filhas da Imaculada e resistiu. Contudo suas forças não eram as mesmas.

Surgiu, então, a ideia de ensinar corte e costura para as meninas órfãs de Mornese.

Em 1861, o Papa Pio IX ordenou que todas as organizações religiosas femininas tivessem como inspiração o regulamento das ursulinas. As adaptações foram feitas, e o grupo de Mornese começou a se chamar “Novas Ursulinas”. Para acolher as meninas e oferecer uma educação adequada, o grupo migrou dentro de Mornese para conseguir um lugar ideal. Interessante, como o Espírito Santo iluminou essas jovens para conseguirem um local adequado para seus trabalhos, também faria com Dom Bosco e seu oratório migrante. A partir desse fato, as “Novas Ursulinas” começaram a atender mais meninas.

⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 32.



Em 1862, Dom Bosco e padre Pestarino fizeram alguns contatos. Pestarino falou da associação feminina. Dom Bosco compartilhou com ele a intenção de fundar um instituto feminino. Assim começaram os primeiros encontros, que a Providência iria se encarregar de levar a bom termo anos depois.

Foi este um período difícil para Mazzarello: enviada a Valponasca, exilada pelo próprio pai, que não queria que ela ficasse na casa das meninas e, por isso, ficou distante da sua associação. Mas Deus é providente. Os preparativos para a chegada de Dom Bosco e seus meninos movimentaram Mornese. No dia 7 de outubro de 1864, ele chegou. Padre Pestarino mandou um cavalo branco para Dom Bosco montar e entrar triunfante na cidade. A banda de música do Oratório vinha tocando à frente. Dom Bosco chegou cansado, mas feliz. No dia seguinte, presidiu a missa, confessou e, depois do café, encontrou as jovens Filhas da Imaculada. Dom Bosco falou pouco, mas Mazzarello ficou comovida. Passou todo o dia acompanhando Dom Bosco, para ouvi-lo. Em certo momento, conseguiu furar a fila e colocou-se na frente de todos. Ficou frente a frente com Dom Bosco e exclamava: “Dom Bosco é um santo. Eu sinto isso”. A partir

daquele momento, os contatos entre Dom Bosco, Pestarino e a Associação da Imaculada foram se intensificando. Entretanto, seriam precisos dez anos para se concretizar o projeto fundacional das filhas de Maria Auxiliadora.

Naquela visita, ficou acordado que Dom Bosco construiria um colégio para os meninos da região. O povo vibrou. Em 1865, a pedra fundamental foi colocada. Contudo, a história daria suas voltas. Veremos muitas maravilhas nas ações de Dom Bosco e Madre Mazzarello no segundo *Caderno de formação*.

Agora, conte para o grupo o que você sabe sobre a vida e obra de Dom Bosco e Madre Mazzarello.

PISTAS PARA REFLEXÃO

1. *O que chamou mais sua atenção nos traços iniciais de Dom Bosco e Mazzarello?*
2. *Será que tudo foi mero acaso ou Deus manifestou seu desejo em ambas as histórias?*
3. *Como definir o carisma (dom) querido por Deus na vida dos dois personagens?*

ANOTAÇÕES

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

CELEBRAÇÃO

Preparar o ambiente com as imagens ou quadros de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. Para montar o cenário, seria também interessante incluir paisagem de montanha, vinhedos, camponeses.

1. Canto

Canto: Somos Dom Bosco que caminha
e em meio da Igreja queremos anunciar
o fato de um encontro novo
que em nossa própria vida explode num cantar
Ouvem os pobres nossas vozes
que criam esperanças e ofertam caridade.
Mãos de jovens estendidas,
depois entrelaçadas unindo na amizade.
Há no mundo um novo alento
que vence a injustiça e implanta a bondade.
Crianças, pobres e oprimidos
com vozes de Evangelho entoam um cantar.

Animador: Dom Bosco e Mazzarello viveram experiências diferentes,
mas foram unidos em um projeto comum pela providência
de Deus.

Canto: Mazzarello também viveu a vida dura do povo seu.
E por isso ela entendeu o que é conviver com Deus
Vivemos em um mundo de muito sofrimento,
o pequeno é esmagado, só Deus é seu sustento.
Não podemos esquecer que temos a missão:
lutar junto do povo, conquistar libertação.

2. Leituras

1

Por diversas vezes, me perguntastes em que idade comecei a preocupar-me com os meninos. Aos 10 anos, fazia o que era compatível com essa idade: uma espécie de oratório festivo. Ouvi. Eu era ainda muito pequenino, e já estudava o carácter dos meus companheiros. Olhando para o rosto de um deles, quase sempre descobria os propósitos que lhe iam no coração. Era por isso muito querido e respeitado pelos de minha idade. Todos me escolhiam como juiz ou amigo. De minha parte, fazia o bem a quem podia e o mal a ninguém. Os companheiros me queriam com eles, para que os defendesse em caso de briga. Porque, embora pequeno de estatura, tinha força e coragem para incutir medo nos companheiros de idade bem maior. A tal ponto que, surgindo brigas, discussões, rixas de qualquer espécie, era eu o árbitro dos contendores, e todos aceitavam de bom grado a sentença que eu ditasse.

João Bosco, *Memórias do Oratório*. O. cit., p. 35.

2

O tempo da juventude, para quem caminha ao sol de Deus, é como as estradas nas montanhas. Quanto mais se estreitam elas, mais se alargam os nossos horizontes. Chega depois o momento em que os olhos abarcam o mundo. Algo Maria deixara atrás de si e alguma coisa procurava entrever nos acontecimentos que lhe faziam pulsar forte o coração. Se como Filha da Imaculada havia aprendido a fazer da própria vida uma oferta a Deus e ao próximo, agora lhe parecia mais clara a necessidade de tornar-se útil às juvenzinhas, de estar no meio delas, à sua disposição. Mas como? Passou-lhe pela cabeça a ideia de ensinar-lhes costura. Foi um pensamento que brotou como uma flor em terreno preparado por Deus, pouco a pouco. Maria as ia encontrando nas suas reflexões interiores. “Se soubesse melhor manejar a agulha, podia reuni-las. Afastava-as dos perigos e as levaria ao Senhor e a Nossa Senhora.” Observava que Maccagno realizava um bonito apostolado

na escola, mas as abandonava bem no início da adolescência, a idade mais crítica. Tornam-se vaidosas, quando se deviam preparar para a vida. Estava, pois, bem na hora de montar uma oficina de costura que reunisse as meninas ao saírem da escola.

GIUDICE, Maria Pia. *Uma mulher ontem e hoje*: Santa Maria Domingas Mazzarello. *O. cit.*, p. 51.

Partilha das leituras

Animador: Podemos agora partilhar nossas impressões sobre os textos que acabamos de ouvir. O que nos chama a atenção?

1. *Temos preocupação real com o amadurecimento humano-cristão dos educandos?*
2. *Gostamos de estar com eles, de partilhar de suas conversas e sonhos?*

Avaliação do subsídio

1. *O texto proposto nos ajudou no aprofundamento da fé?*
2. *As celebrações nos ajudaram a rezar?*
3. *Está claro o significado do humanismo na prática salesiana de educação?*
4. *Salvação e promoção integral da pessoa são objetivos claros para nós?*

3. Canto

Pode-se repetir os cantos propostos.

Animador: Que a proteção de Dom Bosco, Pai e Mestre da Juventude, nos acompanhe.

Todos: Amém.

Animador: Que a força de Mazzarello permeie nosso agir.

Todos: Assim seja.

Animador: Que a benção do Pai criador, do Filho redentor e do Espírito santificador nos guarde hoje e sempre.

Todos: Amém. Aleluia.

ANOTAÇÕES

Coleção Literatura Salesiana

Sob a égide de Cisbrasil e CIB, órgãos colegiados em nível nacional dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora, esta coleção tem o duplo objetivo de realimentar o entusiasmo e a dedicação dos membros da Família Salesiana à sua missão, e de colaborar na formação das novas gerações de continuadores da obra de Dom Bosco.

Títulos já publicados:

- 1. Salesianidade** - Pe. Antonio Pacheco de Paula
- 2. Projeto pessoal de vida** - Dom Eduardo Pinheiro da Silva
- 3. Sistema preventivo e direitos humanos** - Pe. Orestes Carlinhos Fistarol
- 4. Escola Salesiana na América: III encontro continental** - Rede Salesiana de Escolas (Org.)
- 5. Educomunicação: desafio à família salesiana** - Rede Salesiana de Escolas (Org.)
- 6. Filantropia e legislação brasileira** - Rede Salesiana de Escolas (Org.)
- 7. O Ensino Religioso no Projeto pedagógico pastoral salesiano** - Antonio Boeing (Org.)
- 8. Sistema Salesiano de Comunicação Social** - Dicastério para a Comunicação Social
- 9. Dom Bosco e os jogos** - Pe. João Carlos Perini
- 10. Formação de educadores salesianos: I - No humano encontramos o divino** - Pe. João da Silva Mendonça Filho, SDB

Outros volumes oportunamente virão, como outras tantas contribuições à tarefa de perpetuar no tempo e expandir no espaço o carisma salesiano em prol dos jovens, especialmente dos mais necessitados.

ISBN 978-85-7741-247-1

